

casos de jovens universitários que, ao sofrerem rupturas abruptas, ficaram sem moradia. Pensando nisso, ajudou a criar, por meio da Diretoria da Diversidade, o programa de auxílio emergencial, o PADiv, bolsa-auxílio com duração de poucos meses para que a pessoa consiga se organizar financeiramente. Difere da assistência estudantil, que, por exigir comprovação da condição socioeconômica, não se encaixava na realidade desses estudantes, que não conseguiam comprovar que precisavam do suporte.

A docente reforça a importância da escola na promoção da educação e da proteção dos jovens, visto que deve cumprir políticas públicas marcadas por uma ética democrática, que prevê, pelas Diretrizes Curriculares Nacionais, tratar sobre gênero e sexualidade em sala de aula. Isso entra nos currículos como parâmetro para a formação da cidadania, direito à informação e à saúde. Tal determinação se dá por estar relacionada a questões de direitos humanos, saúde pública e violência, de forma que esse público possa se proteger de violências morais.

“A escola apresenta, para crianças e adolescentes, a diversidade da sociedade, sempre tendo como referência o nosso marco legal e constitucional. Na contemporaneidade, isso tem se tornado motivo de polêmicas, em que as famílias foram incentivadas numa lógica de escola sem partido, o que chamam de doutrinação ideológica, sendo colocadas contra as escolas. Isso não deve ocorrer. Ambos os agentes devem dialogar e se aproximar”, afirma Lionço.

É também no colégio que os profissionais poderão identificar, por exemplo, indicadores de violência doméstica e apresentar para as crianças outras ideias, culturas e narrativas. A estratégia mais importante sempre virá por meio das instituições de ensino, que informam sobre leis e direitos e questionam práticas que culturalmente são tradicionais, como educar por meio da violência. “Quando a escola se torna um espaço de pertencimento, a vida desses jovens é transformada”, afirma Tatiana.

Além do ambiente estudantil, é em casa que ocorrem algumas das trocas mais importantes, por isso, a professora afirma que, para amar e respeitar, não há necessidade de pensar exatamente como o outro. “O mais importante é não polarizar essa questão, mas, sim, incentivar a circulação de informação. Que possamos incentivar as pessoas a cumprirem com suas responsabilidades, ouvir mais do que julgar e não romper os laços”, pontua. Ela recomenda que começar a se questionar sobre o assunto é o primeiro passo para a mudança e convivência tranquila entre gerações.

Cinco Perguntas para

Débora Ribeiro, educadora parental, psicopedagoga e estudiosa do desenvolvimento infantil e de novas estratégias para a educação de filhos

Muito se comenta sobre a intuição materna em perceber, mesmo antes do filho/a abordar o assunto, traços de uma possível orientação sexual diferente; é o famoso “mãe que é mãe sempre sabe”. Isso de fato acontece? E o que fazer ao perceber esses sinais?

Acredito que quanto maior e melhor o vínculo entre pais e filhos, mais apurada é essa “intuição”. Quando você está conectada ao seu filho, o conhece melhor e pode conseguir ler algumas entrelinhas pelo comportamento e comunicação, por exemplo. Diante desses sinais ou desconfiância, é ainda mais importante investir na conexão: abertura ao diálogo, demonstrando que há um espaço seguro para que ele(a) possa manifestar seus sentimentos, medos e dúvidas, evitar julgamentos ou juízos de valor e sermões. Antes de qualquer coisa, oferecer uma escuta atenta e aberta. Quando seu filho(a) se sentir pronto(a), saberá que encontrará em você alguém com quem pode contar e se abrir.

Existem atitudes dos pais, em especial durante a infância dos filhos, que reforçam estereótipos de gênero e até mesmo a homofobia. O que os pais podem fazer para impedir que a criança reverbera tais ideias?

Algo simples que pode ser feito desde a infância é evitar os estereótipos de gênero. Naturalizar que ambos os sexos podem se vestir com qualquer cor e permitir que meninos brinquem de boneca e meninas de carrinho, por exemplo. Em algum momento da socialização, eles podem trazer essa diferenciação para casa e vale reforçar que ambos os sexos podem brincar e se vestir como desejarem. Outra ideia interessante é apresentar o tema por meio da literatura. Os livros são excelentes recursos para a educação de filhos nos mais variados temas. O convívio com famílias e amigos LGBTQIA+ também contribui para a formação social dos pequenos e a naturalização da diversidade. Mas, sem dúvida, a autoeducação dos pais é um

pilar fundamental para impedirmos a reprodução do preconceito. Como pais, precisamos estar atentos, estudar e nos observar, porque o exemplo é a principal ferramenta de educação dos filhos. Somos o primeiro referencial deles.

Quais os principais perigos de não haver essa autoeducação dos pais?

O principal é a reprodução de estereótipos e preconceitos que já vêm sendo propagados há várias gerações. Quando buscamos olhar para as nossas crenças com senso crítico, temos a oportunidade de repensar os valores que desejamos passar para os nossos filhos. Acredito que podemos deixar filhos melhores para o mundo, mas isso não é possível sem olharmos para nós mesmos.

Como a família deve orientar crianças e adolescentes que sofrem preconceito em outros ambientes, como a escola?

O primeiro passo é estabelecer um bom vínculo para que a criança ou o adolescente se sinta seguro em compartilhar com os pais o que vem enfrentando e possa expressar não só os fatos e as ofensas, mas, também, como se sente em relação a eles. Depois, é importante dar ferramentas: encorajar a criança a verbalizar como se sente e que deseja ser respeitada, orientá-la a buscar ajuda de um adulto ou profissional, caso não consiga lidar com a situação sozinha, e reforçar que violência e novas ofensas não resolverão o problema. Os pais podem, ainda, buscar a direção da escola para entender melhor o que está acontecendo ou informá-la, caso não tenha conhecimento, e buscarem soluções em conjunto.

Existem meios para desconstruir preconceitos da parte dos pais com os filhos adultos?

Toda relação pode ser reconstruída. Para isso, é necessário estar aberto a se despir dos preconceitos e olhar para a essência do filho(a). Como fazer isso é um caminho muito individual. Pode ser por meio do estudo e da busca por informação, abertura para ouvir o filho (a) ou até terapia.